Biografia



Araújo, José Plauto nasceu no Ceará, Brasil em 1958, de um casal nobre. Viajou por vários estados brasileiros, onde fez vários cursos e exerce várias profissões: é pedagogo, coordenador de vigilância sanitária, fiscal ambiental, faz parte do CONDEMA, especialista em admirar a beleza natural feminina, poeta, escritor, professa a fé protestante, exerce o digno cargo de diácono, além de professor é um forte pregador, muito versado nos textos sagrados, amante alucinado da música psicodélica tem um respeito profundo pelas pessoas, mas gosta de apreciar o lado animal de cada um, enquanto saboreia toda beleza que lhe rodeia e isto é o que lhe faz um ente sempre alegre e satisfeito.

Começou sua vida literária ainda adolescente numa vida nômade e inconstante, partindo para o Rio de Janeiro para trabalhar em redes hoteleiras, onde conheceu muitos artistas famosos, entre eles Frank Sinatra, George Watter, etc. Mesmo que iniciara sua vida literária muito cedo, só no ano 2000 é que publicou algumas de suas obras, entre elas: Vozes Mélicas, Luta Interior e O Caminho do Peregrinar.

De sua lavra literária podemos citar 05 livros poéticos, 02 históricos, 01 romance e 03 doutrinários. Em sua trajetória literária foi obrigado por motivos de perseguições, a queimar muitas de suas poesias. O que lamenta pela irreparável perda.

A base de toda prosa e versos de Plauto Araújo apóia-se no profundo sentimento que tem pelos mistérios da vida. Cuja lógica ultrapassa a, da consciência habitual, desvendando o duplo de cada homem, na impressão do realismo dentro do irreal. Os cenários são repletos de pavor da morte. Onde mergulha no lado desconhecido das ansiedades da alma, o que faz de Plauto Araújo, um alucinado pelos mistérios da Imaginação Humana.

Frank Dalto

VOZES MÉLICAS

A658C
ARAÚJO, Plauto.
Vozes Mélicas / Plauto Araújo. Editora Visões do Ulai. São Luis – Ma; 2007.

I.Poesias
2ª Edição
80p CDU800

José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz - Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

VOZES MÉLICAS

Por

Plauto Araújo

2ª edição

São Luis – Ma

2007

Editora Visões do Ulai

Copyright 2007 by Plauto Araújo

Vozes Mélicas

ARAÚJO, Plauto.
Vozes Mélicas / Plauto Araújo. Editora Visões do Ulai. São Luis – Ma; 2007.

I.Poesias
2ª Edição

José Plauto Araújo
Rua Padre Odécio, 475.
Bela Cruz – Ceará
Cep: 62570-000

E-mail: plauto_0406@hotmail.com

PREFÁCIO

DEDICATÓRIA

Aos:
Meus pais, mestres e amigos que sempre
me incentivam a amar a vida.
Às musas, que me fazem vibrar.
Sobretudo a Jesus Cristo que me inspira.

O Autor.

Legado	07	João de Lima	44
Invocação	08	Critica Amorosa	45
Prefacio	09	Cultura de Minha Terra	46
Moisés	10	Da-me tua capa poética	47
Saudades de Sião	11	Estética	48
Morros e Dunas	12	Bela Cruz	49
A pena	13	Farinhada	50
Perguntas tolas	14	Sinos da Matriz	51
Sofrimentos	15	Alvora do Joça	52
Carregando barreiras	16	Lain ou Latindo	53
Obra de tolo	17	O poeta	54
A vida	18	Ora da saudade	55
Amor	19	Instituto Imac. Conceição	56
Decreto divino	20	Locutores de Bela Cruz	57
Oração	21	Chapéu trocado	58
Língua	22	Latente	59
Adoração	23	Terra de repouso	60
Pródigo	24	Serenata	61
Turvado	25	Campo do Manoel Severo	62
Paranóicas manias	26	Inverno	63
Coice	27	Inverno	64
Atriz	28	Fins d’água	65
Musa	29	Impulsos	66
Tapera	30	Elusa	67
Gazela mimosa	31	Virgem de Quedar	68
Impacto de beleza	32	Caprichando no Método	69
Puberdade	33	Tapera	70
Donzelas de araticuns	34	O ocaso	71
Um olhar	35	O insaciável	72
Como	36	Rute	73
Árvore do prazer	37	Além	74
Rosa	38	A Flor Esmagada	75
Fonte sedutora	39	Acaraú	76
Lourença	40	O odre rompido	77
Marieta Santos	41	Obras do Autor	78
Um só momento	42		
Mata bode	43		

PREPOSIÇÃO

A finalidade deste, é mostrar de forma mais clara o que se passa no meu coração.

Tenho a certeza que em nada ofenderá a Deus ou a qualquer que seja, pois afinal sou como você, que sabe valorizar as coisas que nos despertam para tomarmos uma posição de admiração ou de repulsa.

Mostrar também que compondo nossa própria história é que fazemos nosso momento literário, que servirá de incentivo à nova geração de literatos que se levantará depois.

Plauto Araújo

MOISÉS

Ajuntai oh, povos e ouvi meus ditos.
Inclinem os ouvidos oh, anciãos.
Destilai minha voz como a chuva
Sejam suaves os gotejos de minha língua
Pois tive conselho com o Altíssimo
Estive na Assembléia de seus anjos
Quando a Shequinar me cobriu com um manto
Estive perante o temor de toda carne
Subi ao monte do Onipotente e vi-lhe pelas costas
Caí prostrado perante sua altíssima santidade
Declarei seus feitos memoráveis
Senti-me aterrado com insondável grandeza
Mas sua voz meiga me falou de paz
Refrigerou-me o peito, deu- me novo alento
Temível é sua presença, mas aprazível é seu amor
Estremeceu-me a carne, quando me falou
Então me mostrou todo o vale e voei por toda a terra
Depois pousei meus pés em terra enxuta
No meio do mar foi meu caminho
Contendi sem armas e venci todas as nações
Na minha vara recebi poder e nela me apoiei
Subi ao grande monte em chamas e trouxe as regras
Fitei terras áridas, sentei-me com o povo ao banquete
Em todo o tempo da jornada, estive na frente
Sempre olhando a coluna de fogo que me regia
Nunca me apartei da nuvem guia de minha proteção
Até que recebi a ordem de parar...

Que subisse ao monte, e ali falou de meu repouso
E após me mostrar a linda terra...
No pico do monte, ocultou-me do povo
E ali, fui sepultado por Ele mesmo.

LEGADO

Ouço o reclamar constante
Do meu coração,
Alertando-me para o alto.
E, sempre me reafirmando,
Que não tenho, vida aqui
Nem tão pouco, morada certa.
Felicidade, nem pensar.
Minhas presentes angústias,
São minhas asas, à liberdade.

INVOCAÇÃO

Mexe-te, exponha tuas obras à luz do sol, pois tu sabes que, por pouco tempo és.

Geração vai, geração vem, o que tens a fazer, fazei-o agora ou nunca.

Lembra-te que toda beleza que te fascina agora, não te fascinará amanhã.

Um dia te acudirás, em que tuas musas perderam o carisma e não te darão mais emoção, então vais chorar, o que deixaste de fazer.

Em teu coração há um livro escondido, repassas à próxima geração e farão menção do teu nome.

Vasculhas agora a memória e trazes à tona o que armazenaste em teu viver, ponderas no caminho para onde vais, pois certamente não voltarás.

Vês toda esta geração? Toda será semeada no solo onde pisas agora. E quem se lembrará dela?

Portanto, fazes a obra agora, deixas teu sinal escrito, e tua sabedoria não será enterrada juntamente comigo.

Instrui teu coração e ele te admoestará e de prazer, sentirás a vida.

Ali vem o ancião cansado e alguém o acompanha à espreita da vida, é ela, a indesejada dos homens.

Paz escriba chegaste ao fim teu papel, entregas tua pena a outro obreiro, pois já cumpriste tua obra.

PREFÁCIO

Se déssemos ouvido aos nossos sentimentos e procurássemos meditar naquilo que nos cerca e isto atentando para as mensagens que nos são ditas através das conclusões, que nossos corações nos revelam, certamente iríamos ficar surpresos com este Mestre que mora dentro de cada um de nós, que sempre nos fala, mesmo que não atentamos nem entendemos nossa indiferença a esta mensagem que sempre nos admoesta.

Em “Vozes Mélicas” temos muitas passagens de nosso escritor, isto é, de seu mundo íntimo, que certamente vão ajudar-nos ver nosso próprio mundo interior, e creio que vão despertar nosso olhar e nosso ouvir a essas vozes mélicas que murmuram em nosso íntimo mundo e assim identificar nosso ego.

Afinal, cada um de nós tem algo que guardamos de nossa vida, e muitas vezes sufocamos, como se fosse algo vergonhoso de externar essas vozes que em nós ecoam, e creio que muitos ao ouvirem, tirarão exemplos para se fortalecerem e se deixarem ouvir.

É acreditando nisso que apresento ao público leitor essas verdadeiras confissões de nosso autor que nos traz o relato de seu íntimo sentimento.

Plauto Araújo é muito diversificado com seus escritos e é por isso que sempre agrada ao amante da literatura contemporânea.

Além de tudo, ele não se preocupa com a forma, rima ou métrica. Mas por outro lado é objetivo, é natural em seu estilo.

FRANK DALTO

PERGUNTAS TOLAS

Quando a sensibilidade adormece
Que os olhos não mais se fascinam
Quando o aprazível é deslumbrado

Quem pode apreciar a arte?
Quando esta perde a essência
Qual insípido sal
Que se pode fazer?
Quando as letras não têm mensagem
Quem lerá o desconexo escrito
Que é exposto diante dos leitores?
Quem perguntará pelo prazer
Quando este não mais satisfaz?
Que dirá o arauto ao povo surdo
Que não pode receber o recado?
Qual será a reação dos rebeldes
Que não guardaram o conselho dos anciãos
Quando o mal os assaltar?
Quem governará a cidade destruída
Que num momento veio-lhe o Juízo,
Quando esta se banqueteava, em meio às blasfêmias?
Quem se importa com os despojos, se sua vida passou
Quando em luta entre flecheiros, cravaram-lhe o peito?
Que dirá o espelho à louca feiúra
Quando esta se espelhando, exige uma imagem bela?
Qual o final dos vencedores
Quando a morte lhe sair ao encontro?
Quem me dará respostas de boa mente
Quando insisto em perguntar coisas tolas?

SAUDADES DE SIÃO

Ouvi os murmúrios de minha alma
Quando saudosa suplicava,
Senti suas ansiedades de voltar
Seu ardente desejo de estar com Deus.
O vazio tenebroso no íntimo inquietava
Saudades do lar, saudades de Sião
Senti o desamparo, o abandono de meu ser
Busquei amigos que me consolassem,
Mas não achei nenhum
Vagou meus pensamentos
Em busca de algo que me animasse
A suportar o resto do tempo
Que ainda terei de ficar esperando
Medíocre é o tempo que me rodeia
Solidão domina em meu caminhar
É verdade que não estou só
Mas parece que sou ignorado
Ou talvez minha visão
Não alcança meus companheiros
Pára o tempo, uma monotonia domina as horas
Senti a dor dos que irão ficar
Roguei para não ser esquecido
Ponderei em meus caminhos
Averigüei meus passos...
E disse pra mim: é saudade, saudades
Saudade de meu Deus.

MORROS E DUNAS

Soprava um vento empurrando os grãos
Formando nuvens... Em rasteiro percurso
Todos numa direção, entupindo as valas
Cobrindo as árvores, soterrando casas
Ameaçando o ambiente habitável
Sem o homem perceber, no passar dos anos
Uma duna, um monte se levanta
Por cima, algumas palmas ainda acenam
Do topo, do cimo, contemplei o vale
Estendendo-se ao longo dos caminhos
Que me levam ao verde e imenso mar
Lá no horizonte, onde os olhos alcançam
Uma pequena vela tripudia
Exausto o pescador retorna de sua jornada
Na praia alguém o aguarda ansioso
Sua amada o recebe com um sorriso meigo
Enquanto o pescador lhe mostra o fruto
Da jornada noturna, dos perigos do alto mar
Alguns peixinhos, nada mais.
Contemplei o herói dos mares, satisfeito
Com tão pouco, em troca de seu árduo trabalho
Olhei a satisfação de sua companheira por ele
E compreendi que só um coração agradecido
Podia amar assim, de jeito tão singular
Depois seguiram para seu humilde lar
Onde seus filhos o aguardavam
E jubilosos saíram ao encontro dos dois,
Compreendi que, não é o muito que satisfaz
Mas a harmonia entre as pessoas, isto sim
É todo o segredo da felicidade.
Se é que ela existe.

A PENA

Naquele dia em que pararam
Meus movimentos,
E meus planos se desfizeram,
Apenas um lamento se ouvirá
Daquela que sempre me reprovou.
Minhas obras e manobras,
Minhas artes serão lidas e discutidas,
Minhas visões serão analisadas.
Um arauto se erguerá
E defenderá meus ditos.
Alguém terá prazer
Em publicar o que compus,
Falarão de minhas origens
E do modo misterioso, que desapareci,
Então pesquisarão minha biografia,
Vasculharão minhas coisas,
Buscando encontrar meus escritos.
Buscarão nas filosofias literárias
De qual escola me assemelhei,
Quando no papel fiz meu sinal
E ficarão surpresos,
Pois nada criei,
Nem tão pouco,
A ninguém imitei.
E vai ser nesses instantes
Que descobrirão a verdade
E verão que,
Eu era apenas a pena do escriba.

13

A VIDA

Sendo alguém que vive
É certo, em teu sangue
Teres a essência da vida
Se vives, sonhas; se sonhas...
A ansiedade te domina
E és levado ao fictício,
E viajas entre nuvens.
Quando acordares, vives,
Pois a vida pulsa em tuas veias
Vejo-as passando, escorrem ligeiras,
Visualizo-as enquanto me formam
Imagens nuas, pálidas e caladas
Qual nossas vidas monótonas
Anseiam o porto...
Lanço a âncora,
Alcanço meu destino
Enquanto contemplo
A Shequinar de meu Rabone.
Maranata, Adonai.

18

SOFRIMENTOS

Quando minhas algemas
Foram quebradas,
Não sabia mais andar
E quando tentei, meus passos
Eram trôpegos.
Os anos de meu cativeiro
Passei alimentado por uma esperança.
Esperança que me nocauteou o coração,
Impedindo-me viver
Mesmo em meu cativeiro.
Entendi que a vida
É uma arte, o saber viver.
Tentei fugir muitas vezes
E em vão busquei saída.
Vi no final do meu túnel,
O desespero e a frustração.
Para a alma agradecida,
Em tudo vê a conformação,
Enquanto o maldizente

Nunca achará a satisfação,
Pois esta se ocultou de sua vida,
Deixando a mediocridade,
Mas também vi que os sofrimentos
Tornam nosso ser mais flexível,
Que nos expurga da soberba,
Tornando-nos aptos para sermos
Instrumentos para o bem da humanidade,
Mesmo que desconheçamos tal caminho.

CARREGANDO BARREIRAS

Tu sabes quantas vezes eu gemi,
Quantas vezes eu lutei
Em busca de força para prosseguir?
Minha ânsia, o desassossegado coração
Me fazia buscar uma solução.
Meu ser tremia de pavor, do vazio atormentador.
Meu espírito lutava sem conseguir
Algo que pudesse me acalmar.
Mas como conseguir sem teu perdão?
Carreguei meu fardo pesado e pobre,
Ninguém podia me ajudar, nem tão pouco me libertar.
Foi quando você chegou
E me falou de paz, me abraçou
Me deu novas chances, me perdoou
Pôs um novo cântico nos meus lábios
De gratidão posso até cantar,
Saltar de gozo, por ter me quebrado as algemas
Que prendiam minha alma, no meu íntimo cárcere.
Senhor! Assim como me perdoaste,
rompe também os açoites.
Aparta de mim as maldições, as varadas dos açoites.
Faz-me como ao filho pródigo, alegra-te comigo,
Banqueteia comigo e haja júbilo em teu tabernáculo
Por eu ter voltado, muda-me as vestes, dá-me tua graça
Faz-me ficar a vontade, sem me acanhar,
Pois se fizeres assim, terei gozo em tua comunhão.
Quero me sentir renovado, restaurado
Alegrar-me com tua salvação,
Pois como posso me alegrar se tu não te alegraste
Por eu ter votado ao meu primeiro amor?

OBRA DE TOLO

Escorria diante dos meus olhos
Sem que eu pudesse reter meu vigor.
Sempre lutei por ter meu mundo,
Reservei-me horas para me encontrar,
Analisar meus feitos.
Estive sempre solvendo hálitos
Iracundos e loucos do inimigo perseguindo
Minha alma angustiada que sempre fugia
E de contínuo perguntava a Ti:

Até quando carregarei meus tropeços?
Por longos anos supliquei sem obter respostas.
Envelheci, enquanto esperava,
Vi que aquilo que desejei
Quando consegui, não me satisfez.
Outras coisas esperei sem conseguir,
Mas sei que não iriam me satisfazer.
Nossas vidas se acabam enquanto esperamos,
Enquanto apenas desejamos
Para todos; a vida é marcada só por anseios,
Somente o hipócrita é alguém realizado.
É o que diz ele, mas seu coração o acusa
De suas derrotas e desapontamentos.
Se a vida é apenas realizar alguma obra
E após deixar a alguém
Que em nada o ajudou,
Morrendo após isto,
Melhor nada fazer,
Pois já estás desapontado
Pela obra, em que se fadigou.

LÍNGUA

Gases ácidos
Mortífero odor
Ira encerrada
Entranhas amargas
Absinto gosto
Sentimento envenenado
Vômitos constantes
Bafo quente
Hálito mortal
Duras palavras
Sangrado furor
Espumando abominação
Vento poluído
Azedando rostos
Harmonias roubadas
Ébrias palavras
Ambiente pesado
Ar fatídico
Ser maldizente
Relatando queixas
Murmurador opulento
Linguagem mortal
Boca sepulcária
Língua venenosa
Trindade infernal
Semeando intrigas
Lábios contenciosos
Incendiando vidas
Deixando o caos.

AMOR

Vem surgindo
Brotando do íntimo
Sem ser convidado
Removendo a dureza do rosto
Fertilizando a vida
Regando os sentimentos
Vencendo as barreiras
Trava-se uma aventura
Os dois se procuram
Em gestos e olhares
Como se estivessem combinados
Uma ligação principia
Vão se atraindo
Unindo as peças
E tudo começa
Da noite para o dia
Nasce algo inesperado
Nada, antes procurado
Como jorrando
Da terra a semente
Em nós os sentimentos
Despertam a alma
Em gestos calmos
Ancorando no cais
Bonança traz
Os elos distantes
Se aproximando mais
Unindo os amantes
Que o tempo faz.

DECRETO DIVINO

Quando o decreto for promulgado,
Então a trombeta dará o sinal,
E numa ordem legionária,
Enviará o exército...
A pelejar pelo povo aflito
Que geme e suspira.
Então serão expostos e saqueados
Aqueles que causavam danos no santuário,
E os seres tenebrosos serão expulsos
E ouvir-se-á um cântico
Entre o povo que antes gemia.
Voz de júbilo e de folguedo,
Mas antes que o decreto saia,
Lágrimas serão derramadas,
Concertos e juízo surgirão.
Muitos terão de expor
Seus tropeços e falhas.
Uns receberão seus cargos,
Que outrora, exerciam.
Outros serão mais envergonhados
E novas vestes serão entregues.
Umas de honra e outras de vergonha
E haverá um bodejar entre os vituperados.
Gozo e riso entre os lutadores
Então sairão os ceifeiros
A ceifar os últimos frutos
E logo após se verá
O galardão dos obreiros,
E uma onda de terror
Dominará os que fora da peleja estavam
Aí lamentarão, sem haver mais consolação.

20

ORAÇÃO

Oh, tu que sondas a mente e coração
Contemplas todo o universo e vês tudo
Entendendo tudo que se passa nos pensamentos
E que julgas com equidade, sem acepção
Não olharias tu, para as artimanhas
Daqueles que me fazem injustiça?
Não pleitearias minha causa
Ou ficarias calado, enquanto me assaltam?
Tu que és tão puro de olhos
Contemplarias a injustiça, sem te importares?
Verdade é que logo te levantarias, em teu furor
E toda injustiça seria punida com rigor
Para que não se proliferem os filhos do maldito
E não se levantem afoitamente contra teus filhos.
O justo verá isto e te temerá ainda mais,
Ao verem o ímpio sendo punido por seus males,
Pois como sentiria o justo sendo roubado pelo ímpio,
Pois tu viste... O perverso entrando afoitamente
Nos pertences do teu povo e ganancioso avançou
Bens não dele. Tudo isto faria sem te importares?
Bem sei que o Senhor está no seu trono,
Juiz fiel e não pode perverter o direito do justo.
Grande em misericórdia e longanimidade
Mas não inocentará o culpado, nem deixará
De punir o malfeitor.
Reina o Senhor e está acima de todo o poder,
Jamais prevalecerá o homem em seus intentos carnais,
Teus servos te amam e esperam em tua misericórdia
Sabendo, ainda que prove o justo, fala-lhes de paz
E lhes fará justiça,
Portanto minha alma te louva
E cada manhã te procura em oração.

21

PARANÓICAS MANIAS

Setas agudas me assaltam.
Perco o tino no meu caminhar.
A paz se pôs longe de mim,
Enquanto um ser satânico
Fere- me a face com golpes cruéis.
Estou debilitado por tal martírio.
Ardem meus lombos, estou desassossegado.
Meu riso é minha lágrima;
Meu verso é meu choro;
Se ergo os olhos, não vejo auxílio.
Na verdade sou averiguado
Como traficante do mal,
Ladrão, ou coisa assim.
Vasculham meus pertences,
Sou espoliado sem haver quem me defenda;
Invadem meu íntimo, profanam meu tabernáculo.
São chacais do deserto sobre a presa moribunda;
Rasgam as cortinas de minha paz,
Apunhalam minh’alma, sangram meus sentimentos.
Importam-se comigo, mas não para meu bem;
Aceleram minha pressão, fazendo meu sangue ferver;
Perseguem-me com manias paranóicas.

Sou alvo de seu sentimento odioso..
Descarregam sobre mim seus venenos
Num borrifar contínuo e fedento,
Pisam meu sigilo, expõem meus segredos.
Se busco refúgio, despem-me de meu sossego;
Busco uma fuga e barrôo nos meus temores.
Estou preso como múmia num labirinto,
Asas desejo, voar almejo ao teu santuário,
Pois junto aos teus altares, até o pardal repousa,
E a andorinha encontrou casa à sua prole.

ADORAÇÃO

Quando contemplo os teus céus,
O imenso céu cheio de luzeiros,
O grande mar cheio de peixes,
Grandes e pequenos aos milheiros
Ponho-me prostrado a te adorar
Em teus átrios, junto ao teu portão.
Pai Santo, a te amar,
Pois sou obra de tuas mãos,
Como os rios pequenos a desaguarem
Que encerram seus percursos, nos mares.
Queremos chegar, somente a ti, nessa união,
Isto fará teus filhos, por te amarem;
Tu és a nossa muralha, nossa cidade forte.
Somos teu povo e não gentinha que teme a morte.
Também não somos super-homens, mas cofiamos em ti.
Afinal, tu nos amaste primeiro.

Deste tua vida, teu sangue, até o último glóbulo.
É esta nossa confiança, teu amor é verdadeiro.
Seres pequenos somos e criticam-nos de teólogos.
Talvez não tenhamos a fé de Abraão
Sabemos que, por Cristo temos comunhão,
Somos parte dos teus segredos
Que podemos te ofertar como gratidão.
Seria suficiente o opúsculo de nossos dedos?
Claro que não, Senhor, e é por isso que de joelho
Contemplo os céus de mãos estendidas
Em adoração e por fé, vejo-te como num espelho
Expresso louvores de minha alma agradecida.
Obrigado Jesus!

PRÓDIGO

Queria entender das provações
Que o pródigo passou, quando voltou.
Dos açoites, do preço, das conseqüências,
Do seu desvio, de suas rebeliões, de seus pecados
Jesus calou, não quis estragar a festa.
Sei que houve a discriminação, o refugo,
A desconfiança dos que ficaram em casa,
A humilhação, o lançar em rosto, seus desatinos,
Certamente sua consciência o atormentava sempre
Parece não ter mais fim os sofrimentos.
Ninguém nunca mais lhe vê como antigamente.

Será sempre o repugnado, desonrado e evitado
Se isto não houve, por que então hoje existe?
Por que o pródigo de hoje é lançado ao descaso?
Por que o vitimado se vê rejeitado?
Parece não se sentir mais em casa como antes.
Será que não estamos exagerando e abusando
Dos pródigos de hoje ou a festa acabou?
A festa do voltar hoje é uma farsa de alegria.
Se há alegria em Deus por um pecador que se arrepende
E festa diante de seus anjos, por que não entre nós?
Entre nós há uma “festa” e depois o isolamento.
Queria entender a briga do irmão do pródigo,
Se ele se conformou com a explicação do pai,
Ou... Se a raiva ou discriminação continuou.
Que relação houve entre eles, se era de paz.
Se era de amor, de amizade, ou se eram rivais;
Se existem os açoites, os preços a pagar.
Por que se falar em perdão e reconciliação?
Em júbilo ou festa, se existe um preço,
Uma dívida a pagar e ainda uma desconfiança.

TURVADO

Escurecendo, foi-se o dia, o sol se esconde,
Sinistro e tédico momento.
Ouço o ruído dos morcegos
Lá no além, turva o tempo.
Meu ser aguarda num silêncio.
Vão-se os minutos, escoando-se no espaço.
Minh’alma procura o aconchego do Divino,
Relaxam meus músculos
Após o longo labor.
Gemem as árvores ao passar o vento.
Vão os pensamentos numa procura
E também os sentimentos, em busca da paz.
Numa ânsia esticam meus anelos.
Busco meu avesso, busco meu elo.
Vejo o eco dos meus planos.
Solucionam meus desenganos,
Visualizando no escuro o que me agrada.
Tem cheiro, tem tato, perscruto o tom,
Cessam as pisadas, ouço o chiar da fonte,
Escoam meus apertos, pelo Rocha anelo.
Sigo meu caminho, fazendo meu percurso.
Sou arrastado, nada me detém.
Aguarda-me o destino
Estou chegando ao final.
Fiz meu papel
Sigo sem volta
Regressando
De onde saí.

TAPERA

Fitei acuradamente as marcas do tempo
Vi as rugas dos anos estampadas
Nas cascas das velhas árvores.

Vertigens da velhice, nas muralhas
O revestimento da poeira travada,
O abandono deu lugar a ervas daninhas.
As rachaduras ameaçavam as velhas construções,
A ruína era completa e visível a todos.
No meio desse caos, contemplei algo acolhedor
Dois benjamins verdes e frondosos
Como que estendendo os braços
Sobre todos que lhes chegavam
De onde se tinha uma vasta visão da velha cajazeira,
Dos tanques que serviram de bebedouro ao gado.
Ali próximo um poço abandonado e sem proteção
Que muito serviu aos sedentos,
Hoje é um abismo que ameaça
A todos que andam, sem prestar atenção ao caminho.
Passei por um monte que antigamente,
Era lugar de adoração, o templo de São João.
Hoje se contempla, apenas morada de formigas.
Sobre os escombros vêem-se os restos da Igreja.
Caminhei rumo ao mar e vi ainda de pé
A coluna de Neide Moura, dedicada à Fátima.
Voltei-me para o nascente... Cheguei às cisternas
Rachadas, e junto delas, um montão de cacos,
Restos de garrafas que serviram de embalagens.
Depois rumei ao poente, buscando o cemitério,
Mas não encontrei mais nada,
Apenas me vieram... Lembranças
De meus amigos que já partiram. Então chorei.

COICE

Contemplei o coice ingrato
Da fêmea mantida e amparada
Pelo suor das lutas do coitado
Vi a ira estampada em seu rosto
Quando uma língua feria
A reputação do insultado
E sem resistência assistia a tudo calado
Como hiena agressiva e esfamiada.
Sobre o antílope, em ânsias mortais,
Senti na pele a amarga dor do vitimado
Ferido sentimento, expelindo vem, veneno.
Torturando o peito, em mágoas profundas.
Não havia fuga nem refrigério
Dia após dia... Xingado, reprovado
Debaixo desse jugo, caminha oprimido
Pobre miserável, anda qual fugitivo
Do trabalho vem enfadado
Faminto e cansado
Em casa busca abrigo e é enxotado
Em vez das boas vindas, é desconjurado
Com cara de fera, berra ao desgraçado
Falta tudo e ele não pode fazer nada
Trabalhando arduamente e sendo mal remunerado
Passam anos, e sempre atormentado pela mulher
De abandonar a casa e os filhos se acha obrigado
Foge qual louco em grande disparada
Sem casa e sem filhos é encontrado
Ai dele se seus pais não lhes dessem pousada
Assim vive, qual condenado
Longe dos filhos sente saudades, desejando voltar
Mas temendo a ingrata pessoa evita ir lá
E sofre calado, a dor dos filhos abandonados.

ATRIZ

O que tu carregas, carregas aos outros
Não podes desfrutar a ti mesmo
Tens que ofertar teu tesouro a outro ser
Melhor é desfrutar a beleza do que apenas possuí-la
A alegria que tua graça traz, é para ofertar
És apenas um objeto, uma peça a servir
Mesmo assim, tens sido vítima de teu potencial
Por causa do teu carisma, fostes seduzida
E hoje choras, vês que apenas, alguém te explora
Conduziste toda a beleza e era a tua nobreza
Mas nunca pensaste, que seria tua tristeza
Vistes escorrer por entre os anos
Aquilo que aos outros atraías
Despida fostes, numa hora, tua glória
Cessou teu brilho, apagou-se tua luz
Turva teu riso, enruga tua face
A beleza pôs-se longe de ti
A ti vem a feitura, te abraça, quer morar em ti
Ninguém já não te olha, teu carisma se acanhou
Dos teus admiradores, um a um se retirou
Vagas são tuas andanças, perdestes tua hipnose
Perdestes a arte de encantar, agora espantas
Triste e pesado é teu viver, na vida não tens prazer
A peça chegou ao seu fim, não houve aplausos
Um silêncio em vez das palmas
Fecham-se as cortinas do palco da vida
Cegos estão todos os holofotes
Tudo escurece, trevas tomam o lugar das luzes
No meio desse escuro, ouve-se um gemer
Lamenta a atriz, seu triste fim.

MUSA

Calma, fique quieta, quero te pintar
Por que oscilas, qual pavilhão real?
Tigresa manhosa, que anda como corsa
Ondulado qual mar, tua cabeça
Em riso claro, convidativo de amores
Quieta musa, quero compor teus traços
Por que fitas, qual águia em deslizante vôo?
De plumagens áureas, qual cobertura do Doma
Junto aos teus pés, me detém o belo
Aprazíveis são teus pomares, nas manhãs de sol
Repartindo fragrância, aos que a ti chegam
Cala musa, vou cumprir meu papel
Não atrapalhe minha arte
Numa nota harmônica, quero te cantar
Sou teu maestro a te reger
Não desafines meus acordes
Qual música suave, sobre ti, me derramar
Imóvel qual estátua, a musa espera
Já despi teus pontos memoráveis
Encontrei a fonte de teus prazeres
Escorrendo por sobre tuas frontes, os cabelos
Desci no linho sedoso, de tua cobertura
Apressa-te em sair musa, dá lugar à outra
Quero dissertar, em outro corpo e face, a beleza
Qual nuvens passageiras, são as peças

Vou a outros quadros, preciso acabar a obra
A nova geração espera, enquanto tua nobreza passa
Esconde-te musa, teu tempo passou
Teu belo se esvai, teu semblante cai
Nova musa sobe à passarela
Lamenta a musa, chora a feiúra

DONZELAS DE ARATICUNS

Orquídeas, margaridas,
Várzea de encantos,
Terra florida
De faces agradáveis
Donzelas mimosas
Todas amáveis
E corpos famosos,
Lindas, na manada.
De passos elegantes
Dos mancebos amadas
Em sorrisos radiantes
Em áurea puberdade.
São todas melenas
Quase da meia idade
De belezas plenas
Despertando carícias

Sentimentos nos corações
Pomar, flores em botões
Deliciosos, são teus amores.
Aroma suave, da brisa matutina.
Não traga em teu peito dores
Em tuas paixões, amor de menina.
Terra pura, de raça sem mistura
A beleza em tuas virgens é comum.
Quem não aprecia essas lindas criaturas
Quais rolas, pombas de Araticuns?

GAZALA MIMOSA

Vi quando teus olhos me fixaram
De jeito ingênuo e pasmo
De tua inocente puberdade
Entre o virginal pudor.
Levaste presa minha admiração,
Dando-me um foco inspirador.
Em teu regaço donoso
Encontro minha paz;
No afagar de teu aromático ser
Deslizam os sentimentos,
Vendo-te por sob teu tussor,
Tua formosura, és meiga tutriz

És corsa, gazela dos prados
Na solidão dos campos.
Admirável entre as donzelas.
Teu cântico eremita e chamativo
Andas nas penhas escarpadas
Tigreza graciosa, em fértil cio.
Vem, saciamos entre os vales,
Pois a terra floresce teus amores,
Em franco aroma agradável,
Rosas exalam seus perfumes.
Sorvendo o néctar de Raboni
Chegado é o tempo,
Brota o amor.

IMPACTO DE BELEZA

Foi ali sem você saber
Eu, nos meus olhos
Cheguei-me e contemplei você
Deslizei em teus cabelos
Soltei-me por sob tuas paredes
Mergulhei em tua boca
Acordando em teus olhos
Descansando em tua bela cor
Como a turva noite me envolveste

E desci aos teus vales.
Caminhei em teus pés
Com tuas mãos afaguei rosas
Na perícia de teus dedos
Descobriu-me teus segredos
Focalizei em teus encaixes.
Cada curva tua mostrava-me teus encantos
Deixei-me levar em tua graça
E em terras lindas caminhei,
Desfrutei tua beleza
No olhar poético de provei
Cada traço, cada gesto teu, amei
Dentro da estética te encontrei
Perdi-me em teus pêlos delicados.
Meus olhos alcançaram teu amor,
Entrei escondido em teu coração,
Deixando invadir teu peito à paixão.
Antes do romper do dia, ainda na escuridão,
No cântico despertador da alvorada
Despertei no amor
Querendo conhecer-te.

PUBERDADE

Como o olhar sereno de pombas
Teus olhos são duas pedras preciosas

Lábios unidos em escarlate
Enfeitam tua boca bonita.
Se me levas em tua beleza sedutora,
Torna-me cativo de tua voz macia
És decidida, mesmo sendo de jeito ingênuo
Mulher donzela e tens cheiro de amor
Andas, qual princesa e és nobre
Teu semblante suave tal como a madrugada.
Escuros são teus cabelos,
Fortes e brilhantes
Formam uma coroa de glória,
Afagando os dedos
Mergulho em negro véu.
És toda bela,
Virgem pura
Sonhas com felicidade e és digna
Tu, menina calada e observadora
És manhosa, despertada...não queira a paixão
Invadir tua alma
No desabrochar da rosa
Pois é formosa
Deliciosa...
Namoras?

ROSA

Andando na maciez de tuas pétalas
Um odor suave me levou
Em ti mergulhar
Deslizei sobre teus pólens
Fecundei-os em meu amor
Embriagando-me em teu néctar
Chupei teu doce sumo
Escorrendo por entre tuas vestes
Um convite do germinar, ágape
Levou-me ao teu cenáculo
Deixando-me tirar, uma por uma,
As peças do teu vestir.
Quando me mostravas o que produzia
Por sob tuas cobertas
Vi o fruto novo teu aparecendo
Minúscula vida, que trazias contigo
A esperança de teu continuar
Nas sementes que produzias
Novas plantas nasciam
Rosas, que marcariam
Um novo recomeçar.

UM OLHAR

Sem querer,
Meus olhos te alcançaram
E foi por uma simplicidade
Que te observei.
Nada sabia eu de ti,
Mesmo assim me prendi
No teu jeito amável de teu porte.
Foi por um olhar, apenas um olhar
E me vi caminhando por tuas feições
Teu olhar calmo me fascinou
Queria ver teus detalhes
Não pude me conter, queria me aproximar
Teu jeito elegante, tua ternura me atraía
Mas como, como eu podia me chegar?
Foi, foi por um simples olhar
Que ofuscavas, cintilavas qual estrela
Preso, eu me continha a teu lado
Em gestos ébrios,
Disfarçava meu olhar,
Mas como esconder se eu não dominava
Meus impulsos de desejos?
Foi, foi sem querer
Que passei a admirar você.
Fiquei curioso, eu queria saber
Onde moras?
Quem é você?

COMO

Como o frescor das águas
Como suavidade dos campos
Como a alvorada nos montes
Como a alegria dos pássaros
Nas primeiras chuvas.
É teu encanto, tua beleza de mulher
Tua ternura que me desperta ao amor
Como o soprar do vento pelas frestas
É teu falar macio, o teu sussurrar
Ao meu ouvido, que se aguça ao teu falar
O deitar no desabrochar da ágape paixão.
Como és radiante, quais manhãs verdejantes,
Quando o sol vem clareando teus gestos felinos
Assim és tu, mimosa de minha alma.
Teus olhos são duas pérolas
Que fitam o amor em delícias
Como rosas se abrem teus risos
Meigos e petulantes.
Brilham-me os olhos em ver-te
Qual chuva caindo em solo sedento
Assim me absorve, em afagos
Teus cabelos me tocam
Na penumbra e estremeço
E encho os lábios em tua nuca peluda e perfumada.
É teu amor, tua graça... menina em fantasias,
Mas, não desperteis o amor
Até que ele queira,

Pois o amor é sublime.

ÁRVORE DO PRAZER

No auge da vida estás
És verdejante, em ti quero abrigar-me
Sob tuas sombras descansar, folgar
Por baixo te olhar
Em teus ramos procurar
Em teus cachos todo pegar
Por sob teus galhos deslizar
Sentir teu perfume...e fungar
Provar de teus frutos e gozar
Esconder-me entre teus ramos e sonhar
Levar-te ao paladar, saborear-te
Por sob tuas partes deitar
Descobrir-te toda, tuas raízes pegar
És formosa, frondosa, quero delirar
Sobre tua copa voar
Em tuas rosas está
Do teu néctar chupar
Deixa embriagar-me
Em tua fonte, deixa-me chegar.
Sobre ela descansar.
A semente, deixa-me plantar e esperar
Aguardar o tempo de brotar
Conservar tua prole e nela continuar
Se me negar plantar
Teu tempo passará.
Acorda em ti quero semear.

UM SÓ MOMENTO

No raiar cor de sangue,
Quando vem alegrando o sol
Unem-se teus lábios
Em radiante graça.
Se bastasse só um momento
Fitaria teus traços,
Mas não basta só um momento
Preciso de tempo e não só de um momento.
Se me deres tempo, olhar-te-ei dos lados
Por baixo, os vales...todos teus encaixes.
Se me deixares à vontade,
Andarei em todos os teus lugares.
Se ficares em silêncio, no silêncio te contemplarei
E descobrirei o que me fascina, e tudo direi.
Dá-me espaço e cavalgarei
Por toda tua beleza.
Amar-te-ei e falarei dos teus segredos
Não quero só por um momento, eu quero tempo

Não vês que te contemplo?
Mas não basta só um momento
Quero fungar, deliciar teu aroma, saciar-me.
Quero me despertar, sobre teus montes deitar,
Vislumbrar-te toda, por detalhes, quero demorar.
Não, não me deixes sonhar
Quero viver teu real, em ti, descansar.
Mas, não por um momento, eu quero tempo
Não te incomodas por este sentimento?
Deixa-me começar, por sob tua terra andar.
Sobre ti me derramar, quero ficar.

FONTE SEDUTORA

Meus olhos te sondam numa procura
És um oásis em terra de brancura
Não há pistas, nem caminhos traçados,
Mas a ânsia me faz andar, calado e mal.
Sentindo estou teu cheiro, onde tu estás?
Sedento estou, desejo teu manancial
Quem entenderá em meu deserto...
Se procurando estou, sem saber, se estás perto
Quero, quero me chegar, em tua fonte tocar
Quero chegar em tuas águas, quero saciar-me
És poço de águas vivas toda cristalina.
Tuas correntes me arrastam, teu jeito de menina

Anseio tua aragem, é fresca e me anima.
Onde nascem teus mananciais?
Quero, quero me chegar a teu cais
Em tua brisa, quero passear, amar
Com meus pés te tocar, molhar-me
Estou tão sedento, sobre ti, quero me derramar
Por que te escondes?
Se clamo, por que não me respondes?
Quero te beber, não apenas lamber
Onde, onde está você?
Se és fonte selada, deixa-me te romper.
És tão bela, deixa-me te provar,
Antes do amanhecer.
Não me deixes esperar
Nessa ânsia quero, quero te beber.

LOURENÇA

Teus caminhos encurtados.
Entre os mofumbais, as veredas.
Terra fértil, de águas cristalinas,
De grãos de areia lavada.
Da verdura das ingás.
Do susto, vôo da perdiz.
Sônico mas curto voar.

Da enxada à cova.
Do cobrir do pé, à semente.
Da rama, o leite.
No enterrar o jorrar da raiz.
Do almoço gostoso da vasilha.
Amarrada ao pano, o térmico alimento.
Da nata sobre o feijão, o sabor.
Criança feliz comendo no prato do pai
Seu prazer de ver, no amassar da mão,
O bolo do misturar, jerimum com feijão,
Lourença, varzante alegre, saudosa.
Da batata, alho e cebola.
Da melancia, as talhadas, do melão o cheiro.
Das brincadeiras entre as rameiras
Das cacimbas entre regadas batateiras
Da marcela e o aromático cheiro das cidreiras.
Como era lindo o teu pomar gostoso o lembrar
Correr e contemplar teus canteiros
Verdes, viçosos até o dia da colheita.

Ao meu pai.

MARIETA SANTOS

Tudo era trevas e desabitado
Surgiram homens, fez-se povoado
Mas as trevas continuaram

Uma faísca de luz surgiu ao leu
Nicácio, na aurora, avermelha o céu.
Tempo da tabuada e da palmatória
Mas, é o começo da luz na história

Sobral, assolarada pelas faculdades.
Bela Cruz iluminada por Marieta em tenra idade
Marieta é candeia, luz que brilha
Mãe de professores, que maravilha!

Graças à Marieta, não somos mais ilha
Hoje Marieta é nossa estrela guia
Que podemos vê há muitas milhas

À Escola Professora Marieta Santos

CULTURA DE MINHA TERRA

O povo que estava assentado em trevas
Vi grande luz, Nicácio e Marieta
Em nossa aurora, avermelham o céu
São faíscas que surgiram ao léu
Tempo da tabuada e da palmatória,
Mas é começo da luz na história

Do Instituto Imaculada, nosso sol raiou
Foi visto em todo vale e quem podia negar
Pois de lá para todos os lados brilhou
Muitos nos procuram vendo a bela luz
Quem dos arredores, não estudou em Bela Cruz?

Como esquecer Odécio, não é ele pai de mestres?
Quem de sua luz não provou? Negues se poderes.
O tempo não vai apagar, pois monumentos testemunharão
Bela Cruz é candeia, é farol, luz que brilha...
É um celeiro de professores... Que maravilha!

Nicodemos, Damasceno, Plauto Araújo, Vicente Freitas...
Em suas sensibilidades poéticas, quem rejeita?
Temos oratória e de boa retórica
Que citar, que este povo não tenha?
Em Bela Cruz, a cultura é quente
E não faltará lenha.

À cultura de minha terra

MATA BODE

Terra encantada de lagoas pluviais,
Nas cheias... Alimentadas de cardumes,
Terra da passarada...mil espécies,
Teu alvorecer era lindo... Alvejante,
Orvalhado algodão, o encalque... No uru e surrão,
O zoar na pista, longe o caminhão,
Da caiamanga dos peixes, o esconderijo,
Do bater na água e o peixe na linha,
O lepo lepo das alpargatas do vovô,
E eu olhando tudo e armazenando história,
No coração guardando tuas belezas,
Tua enorme cajazeira e as curvas...
Das águas, as ribanceiras das melancieiras,
Das rolinhas as revoadas... Ligeiras,
Dos papa – arrozes e quebra-panelas...
O estrépito canto da graúna... Estoura,
E o silvar dos canários amarelos,
Das canafístulas das vacas... A rama do gado,
Das apanhas... Bagas de feijão, as sacadas,
Dos jerimuns, batatas e melão... E algodão,
Das mutambeiras e os grandes sabiazeiros,
De estacas vermelhas, boas de fogo,
Sardinhas secas, assadas e com farinha... Passarinho,
Dos plantios, depois do baixar das águas,
Terra rica, produtiva e farta,
Que jorra mananciais de bens,
Terra do capinzal, dos preás, a vereda,
Que saudade das tuas safras.

Ao meu pai

JOÃO DE LIMA

Ó amáveis tempos, que tempo
De tua bela história
Que me traz a memória
Do berrar de tuas manadas
No alvejar, o algodoeiro
Da varzante verde, na ribeira
No catar da baga, o feijão
Nós juntos e de cuias nas mãos
Por entre canteiros de batateiras
Na fartura, rindo e enchendo as sacas
Das cheias repentinas à carreira
A toda pressa, assim íamos às batateiras
Ao proveito, antes de madura safra
Nosso cuidado, para que não pube, as batatas
No esfregar dos galhos, o gemer do pajeú.
A casinha do vovô no meio da varzante
Eu de gaiola nas mãos, baladeira e alçapão
Na pega dos canários, todo radiante.
Do leite mugido... No copo a espumar
Na busca dos bezerros e a alegria do achar
Ouvindo da matriz o sino a balar
Correndo, às pressas, à escola a estudar.
Nos tempos de festas, as alvoradas festivas.
Das radiadoras, de longe escutadas.
Do natal, os hinos tradicionais, lembrados
Que direi mais desses tempos...?
Restam só boas lembranças.

Ao meu pai

CRÍTICA AMOROSA

Nada pude imaginar, do jeito gentil
Que meu pai usou para nos dar uma lição.
Lembro muito bem, que só eu passei nos estudos
E de acordo com o gosto de cada um
Meu pai deu seu presente.
Para meu irmão que só queria jogar
Meu pai deu uma bola, já que não queria estudar.
Para minha irmã, que só queria passear,
Deu-lhe um par de sandálias
E para mim, um livro, que me fez orgulhoso.
Eu sem saber o que podia acontecer
Folheei todinho, senti prazer, neste presente
Via-me como um dotado, o mais inteligente
E daí nasceu o meu amor pelo companheiro.
À medida que eu lia, enxerguei nas letras...
Um sinal que falou a meu coração
E falava mansamente, como brisa suave
Fez-me voar na história contada
E me prendeu a alma ao linguajar...
Apaixonado do poeta por sua cidade,

Sua terra, sua gente, sua flora
De tanto mergulhar em seus sentimentos
Senti a íntima comunhão, da arte estética
E tornei-me um com o livro e com o poeta
Nicodemos Araújo, autor de Bela Cruz
De Prédios Rústicos à Cidade

Ao meu pai

FARINHADA

É sexta feira, amanhã não tem aula
Cinco horas da tarde, vou buscar a meninada
Para a farinhada gozar e caju chupar.
Lá vamos nós numa ninhada
Sob os lombos dos animais, dentro do caçuá
Alegre como toda criança feliz
Era escuro como um breu, o caminho
Era longe, e toda ave noturna...
Era um agouro, seu cantar e cheireiar
Era mãe da lua, caburés, bacuraus, corujas, sei lá
Era de arrepiar, mas eu estava no caçuá
Era alegre chegar lá... Até o cheirar
Era a farinha nova no forno a rolar
Era a conversaria das raspadeiras a paquerar
Era o gemer da prensa nas madrugadas
Era o raiar do dia, e eu de pé
Era uma vontade de comer, tapioca com, café
Era uma festa da capotada a cantar
Era peru, galo, cachorro e vaca a berrar
Era o dia alegre de correr e brincar
Era um prazer rolar nas raspas frescas de mandioca
Era cada negra formosa, alegre a gargalhar
Era festa mesmo de lascar
Era porco, ovelha, para no estômago agasalhar
Era o corre – corre no espremer da massa
Eram os arrancadores levando água para a goma lavar
Era nas moças, o interesse de agradar
Era já noite e estão todos a namorar
Oh, festa boa!
Ao meu pai

DÁ-ME TUA CAPA POÉTICA

Viajo contigo no mesmo sentimento...
Pois vejo, como teus olhos vêem
Transportado para o além, que visualizas
Sou teu companheiro, nesse vôo da sensibilidade poética
Na memória, o fictício domina a alma
Somos como pássaros, em solta... Liberdade
Nesse espaço infinito, o Divino nos abraça
Como anjos... Somos a imagem do criador
Estás velho companheiro, em teu tabernáculo
Mas em teu íntimo, a poesia a tudo renova...
E vês como criança... E andas em teus castelos

Sei que vais partir em breve... Leva-me contigo.
Em teu mundo do além, a poesia... Não esqueças
Não me deixes só... Como tu, sou eu
Pois, tenho a arte estética, um espírito idôneo
Aprecio o belo, mergulho no perfeito
Me estremece a alma por ti, companheiro
Pois vais partir... Quando partires...
Com quem terei a comunhão poética?
Terei de voar sozinho... No tédio do entardecer?
Por entre nuvens alaranjadas, te encontrarei?
Na calmaria dos bosques, por sobre as águas
E galhos, no murmurar dos pássaros, no silenciar...
Dos cânticos, no entoar do fúnebre dia que se vai...
Estás presente, companheiro?
Quando partires... Deixe-me tua capa poética...
Quero ter inspiração... Como Elias em Eliseu.

A Nicodemos Araújo

ESTÉTICA

Deliciando os olhos no que vê
Embriagado pelos minuciosos detalhes
Numa busca constante se entrega
Viaja nas asas do vento, ao além
Descobre tesouros, cavalgando nuvens
Em seu mundo, não importa o tempo
Ele vive...vive cada momento
De todo belo absorve
Seu apetite, é insaciável, no que vê
Comunga com o criador em sua criação
Encontra no silêncio o encanto
Cada paisagem mostra o dedo do Divino
Pois o perfeito está no belo
Pois todo belo é perfeito
Agraciado com tal visão
Ele descobre com facilidade
O que todos desejam ver
Em seu ser, a preocupação de si, esquece
E voa ao sideral...aos céus
Às calmarias dos lagos
Seu canto poético
Mistura-se aos dos pássaros
Aos dos ventos, e das águas
Sua beleza está, na alma estética.

Ao Vicente Freitas

BELA CRUZ

Berço de grandes culturas,
Mãe de literatos e grandes oradores,
Quem te visita é possuído de encanto,
No estender do solo se vê...
Como o ondear do mar, montes e vales,
No lençol de teus vales, há doçura,
Onde os olhos alcançam a beleza se vê,
Como um oceano imenso de palmeiras,
A aragem dos teus ventos a soprar,
Teus lagos povoados, onde vivem...
Peixes a folgar, pássaros a cantar,
No melancólico cântico da graúna...
Entre galhos sua prole está,
Lagoa de Santa Cruz, ao pé do monte,
Genoveva, mulata devota a rezar,
Tuas origens históricas, há quem conte,
Nicodemos não te esquece, berço de poetas,
Plauto em sua pena, descreve tua beleza,
No cantar harmônico do casaco de couro,
Em seus ninhos enormes,
Entre espinhos pontiagudos,
Tem sua fortaleza, no cair da tarde... a penumbra,
Dos teus relevos se tem uma vasta visão...
Do teu encantamento, terra da semente,
Da colheita do grão, do germinar do chão,
Terra bendita, fértil e de águas cristalinas,
De gente sadia, jovens robustos e belas meninas,
Terras de histórias.

À Bela Cruz

O POETA

O sol, acabava de se por
Quando eu e meu pai voltávamos
Do campear as vacas e olhar a vazante
Foi ali, ao atravessarmos o rio, que avistei
Aquela ilustre família... Elegante
Que acabara de chegar, e lá embaixo da marizeira
Todos juntos, a contemplar, a beleza da natureza
A vista alegre, verdejante do rio
As calmas águas, a correr silenciosas
E em paz, ao mar
Ali... Conheci o que é ser poeta.
É ser amante da natureza embriagando-se com o belo
Tendo comunhão com o criador, a pessoa divina
Admirador das artes do mestre universal
De sua criação perfeita e fascinante
A natureza mãe, convida o poeta
A comungar em união perfeita,
São gestos de Deus
No firmamento o falar divino...
Nos prados, a voz suave dos orvalhos
No verde, a explosão das flores
Passarada alegre a cantar seu amores
No escurecer... Fim do dia
Toda natureza numa só harmonia
Despede o sol, prometendo voltar
No novo amanhecer que há de brilhar
Dorme em paz poeta... Dorme companheiro.

Ao João Damasceno

SINO DA MATRIZ

No teu sino, o sinistro som do badalo
Da multidão, a caminhada final
O inerte corpo.
Caminha frio e calado
Entre os presentes
Um agourento som, em vozeadas
E num compasso triste e espremido
Ouvem-se as batidas dobradas
O bronze, ressoa melancólicos gemidos
Há uma pergunta no ar
Quem morreu? De quem, é este sinal?
A estas vozes bronzeais,
O repicar contínuo...
Alguém sem parar castiga o sino
Alguma criança morreu, um menino
Diz o repique, num falar fino
Mas a vida em ti continua
Muda teu linguajar
E as seis da matina
Tu convidas teu povo ao despertar
Já ao meio dia tu tens novo falar
Tua voz afina e voltas as seis vespertina
Hoje teu povo te esqueceu
A tradição foi quebrada

Nessas vozes e horas marcadas
Tu nuca mais bateu.

Ao Sino da Matriz

ALVORADA DO JOCA

Da amplificadora a voz
Na madrugada se ouvia
Nas festas dos padroeiros
Dominavam sacras melodias
Das radiadoras, o vozeiro
Era agradável despertar
Ouvindo a música a tocar
Alegrando a cidade inteira
Tempos idos...Joca o autor
Já morto, não teve sucessor.

Ás alvoradas musicais de Joca Lopes

LATIM OU LATINDO

Na tua incompreensiva voz
A um povo rude falavas
Sem entender, teus murmúrios
Mesmo assim, este povo
A ti chegava
Em tua vergonha
Dava as costas e ao altar
Numa língua morta
Teus mistérios, a ele repetias,
Mas a este povo nada dizias
Cegos eram arrastados
Aos teus encantamentos
Num tom de feitiçaria
Enganaste a ti mesma
Perdeste adeptos
E mudaste tua maneira,
Enganando a muitos atrás
Agora, aos teus filhos,
Naquela língua
Não falas mais.

Ao Morto Latim

CHAPÉU TROCADO

De janela em janela se via.
As empilhas dos chapéus dos devotos.
De massa, náilon, pano ou palha.
Todos traziam na cabeça sua proteção.
E após o culto de sua devoção.
Na pressa, para pegar seu chapéu.
Muitos, pelo chão ao léu.
Era uma confusão.
O meu chapéu sumiu, dizia um.
Outro achava apertado.
Ah, ladrão...berrava zangado.

Aquilo era engraçado.
Mas às vezes dava porradas.
As mulheres, usando véus.
Eram todas bem vestidas.
Dos braços não faltavam às mangas.
Os homens de paletó e gravata.
Naquela época todos de sapatos.
O linho e o caqui, eram o chique.
Do bigode...a moral e o pudor.

HORA DA SAUDADE

Programa “A Hora da Saudade”
Quem não se lembra do ajuntamento.
Dos velhos juntos da amplificadora.
Na esperança de ouvir sua música.
Predileta, que falasse a história.
De um amor passado, que trazia a memória

As recordações dos carinhos...
Que em tempos idos, ficou pra trás
Uma saudosa canção, que fizesse lembrar
Que revivesse ao coração a velha paixão
Dos tempos românticos e encantadores
Do jovem que foi, e hoje
Nessa hora saudosa... Da música a tocar
Cabisbaixo a meditar, nesse amor passado
O corpo já enrugado, mas de alma tediosa
Ao ouvir a melodia é transportado
Aos tempos auréos , e nesse descuido
Sem perceber, uma lágrima escorre
E sente no peito o amor que não morre
E lamenta calado, de coração amargurado.
Se seu amigo do lado, lhe chama atenção
Mostra no rosto, um sorriso acanhado
Pensando que escondeu, sua abafada emoção.

Ao José Epitácio Morais.

INSTITUTO IMACULADA CONCEIÇÃO

Da cultura de nossa ribeira,
Das glórias e talentos primeiros,
Como diretora Irmã Brasileira,

Teus brilhos de longe encerram,
Em teu bojo muitas internas,
Estudantes filhas de granfinos,
Que moravam, juntas em teu ninho,
Tereza Goes, Tonete, Luísa e Gelina,
Os cânticos dos meninos,
Da cirandinha, pau no gato,
Nas rodas, o anel a passar,
Das quadrilhas, festas juninas,
Do merci para o padre Odécio,
Da farda o exame... Do ser a postura,
No meio das notas, a polidez,
Do prédio dos alunos, o orgulho,
Tuas colméias cheias... As vagas,
Das noites artísticas, Rei do Baião,
Tu não sabias, que um dia,
Teu povo ingênuo, te desprezaria,
Não querem em ti estudar,
Mesmo por uma mixaria,
Estás a ponto de sucumbir,
Da tua glória foste despido,
Cessaram tuas alegrias.

Ao Instituto Imaculada Conceição

LOCUTORES DE BELA CRUZ

Dos anúncios a noticia quente,
Do ofertar das músicas,
A namorada... A canção,
Era festa todo dia,
E também choro,
Das sete facadas, em Lisbão,
No riacho, água e sangue,
Misturam-se... Frutos de uma paixão,
A vida é mesmo assim,
Onde repousou, muitas vezes os dedos,
Ao afagar, os lindos cabelos,
Em dia brutal... Nesse véu feminino,
Batista mata afogada...
No rio João de Lima,
Seu lindo amor, de menino,
E sons tristes, a radiadora canta.
De The Pops, a valsa, Branca,
Levando ao ar, a triste lembrança.
De cascoré as proezas furtais,
Da embriaguez e paixão aberta,
Lira, mata a tiros,
Sr. Domingos Alberto,
Isto são vozes, de uma certa época,
Da morte prematura,
De Raimundinho Diogo,
A alma não esquece o teu merci padre Odécio.

Primeiros Locutores
José Milton Oliveira,
José Cabeça e Abelardo

CAMPO MANOEL SEVERO

De tardes animadas
Da gritaria da torcida
Dos talentos dos goleiros
Luis Severo, Baltar...Napoleão
Dos jogadores, o atlético correr
Na euforia de José Costa e “O Quirino”
De Raul, Oliveira, Marino e Gaspar
Ivo Cesário, o driblar...canários
Da poeira de Gonzaga a correr
Do subir da bola, o descer.
Da vitória, o prazer.
No rosto, o suor a correr.
O sorriso do gol e o temer.
Da força, o gemer.
Das boladas loucas e perdidas,
Das fardas dos times todas coloridas.
Tudo passou... Ninguém teve visão,
De conservar limpo o chão,
Hoje não há mais campo e sim habitação.

Ao Campo de Futebol Manoel Severo

LATENTE

Se desse eu vasão, ao que emana de dentro
Se com olhos nus, pudesse alcançar o que sinto
Se tu olhasses nos meus olhos
Se entrasse a minha alma e vasculhasses meu ser
Certamente, ouviria meus murmúrios por ti
Que fascinou meus sentimentos
Se eu despisse a verdade a teus olhos
E se tivesse toda a liberdade de expressar
Eu falaria a ti, o que me concernes
Se pudesse roubar o direito
A ti abriria meu peito e descreveria, o que sinto
Pois não posso desafogar com palavras...
Perante ti e aos teus ouvidos
O que se passa em mim.
Porque te conheci, por quê?
Agora, por que tenho de por freios...
Em meu coração, para não te avançar?
Sou uma criança qualquer?
Ou um adolescente em ardente paixão?
Por que me embriagaste com teu olhar?
Agora preso, qual água latente,
Em veias vedadas, o sangue quente,
Em amor profundo, arde aqui dentro,
Privado estou, de minhas comportas,
De deixar jorrar, com ímpeto força,
As águas presas de meu coração,

Meu sentimento atado e amordaçado,
Como represas das chuvas, na estação,
Quer sangrar, esta emoção.

TERRA DE REPOUSO

Quero estar em teus holofotes,
E que estes se agradem,
Pois sob meus holofotes estás,
Observada és em detalhes,
Estou escalando teus montes,
E desbravando tuas florestas,
Em teus montes és dourada,
Em tuas florestas há delícia em afagar,
Em teus movimentos há um oscilar do vento,
Em tuas gramas, reluz o ouro,
Em tuas terras, há muita fertilidade,
Em tuas estrelas a luz ofusca,
Em teus vales descobre-se o prazer,
Em tuas curvas a beleza aparece,
Em tuas torres está um monumento lindo,
Em sonhos viaja e se descobre teu tesouro,
Onde a vida está, em abundância,
Onde a semeadura frutificará sem dúvida,
Onde o orvalho desce em mananciais,
Onde a paz se vê, e o além esquece,
Onde está à esperança, e a morte sai,

Onde tudo é radiante...
Jardim fechado és tu,
Que exala perfumes constantes,
Em tuas rosas quero está,
Em tuas pétalas deitar... E esquecer-me.
Tu és a terra, onde repouso.

SERENATA

De Dilhermando Reis a inspiração,
De Ataulfo Alves a canção,
De Chico Alves a recordação,
Quem já se viu cantar igual?
Da voz suave como manteiga,
Das madrugadas, o romance em segredo,
Serena lua, calada a testemunhar,
De céus límpidos, de brisa leve,
O piar da coruja, rompe na madrugada,
A seresta ouvida pela amada,
Quebra o silencio os acordes,
Em voz meiga e suavizante,
Abre disfarçada a janela, a amante,
Num olhar sereno e satisfeito,
Apaixona alma, a canção, que jorra do peito,
No cantar macio e inspirador,

Letras em harmonias de amor,
Chora de amor, o ébrio violão,
Quebrando as amarras da solidão,
Tornando em palavras, os sentimentos,
Saídos do coração, nesses momentos.

Aos Seresteiros:
Antônio Jorge
Afonso Lopes
Manoel do Bento

IMPULSOS

Exalando o coração seus amores
Movido pela beleza, que aos olhos chega
Caminhas pelos traços da fêmea musa
Teus desejos másculos se despertam
Levando teu ser aos sonhos sensuais
Poderias tu satisfazer teus anseios?
Termina o vigor de tuas forças
Esperando tuas satisfações, concretizar

É o lema da espera, do apenas querer
Por que não se conformar?
Em vão gastam os dias da vida, nos planos
Será que só o homem é um ser sedento e insaciável
Que leva a vida no desejo?
Que passa seus dias na cobiça...
Animal queixoso esse de duas patas
Que envelhece só a capa
Que morre nas cargas de seus impulsos
Que espera sempre sua hora de ação
Mas sempre acaba vencido por suas desilusões.
Máquina que fabrica seus próprios venenos
Buscando entorpecer a si mesmo apenas
Gastando seus dias em projetos
Na peleja do nada, tornando-se objeto
Tudo isso vi naquele animal teimoso
Que dizia, haver de vencer.

INVERNO I

Findando o verão, as tardes trocam as vestes
Trazendo as mechas nuvens, como flocos
Numa lenta caminhada, cruzam os céus

Manchas turquesa, lá no horizonte infinito
Paisagens tédicas, se visualizam
No luzir cor de âmbar
Como se tudo estivesse combinado
Ainda no calor do dia que passou
No raspar das rãs, a profecia
Em meio ao calor da madrugada
Ouço o temporal, ruídos nas bicas
A chuva vencendo o calor chegou
Confirmando as nuvens de insetos
Que sobrevoavam as luzes nas noites anteriores
Rompe a invernosa manhã de céus carregados
E uma sinfonia se ouve, num som retumbante
Aparecem milhares de orquestras em ação
Não se sabe como, mas houve uma invasão
Ouvem-se gritos altissonantes, da passarada
Cântico de alegria da saparada em gozo
Formigas como loucas, criam asas
E abandonam suas moradas
Uma variedade de povos desconhecidos
Chegaram em festa, animada
Várias espécies de seres chegaram para invernar
O cântico triunfal das cigarras
Se misturam aos cânticos loucos e berrantes
Dos rouxinóis, carões, sebites e sabiás...

Continua

INVERNO II

Ninguém se respeita, todos querem cantar
Sem esperar um pelo outro, põem-se a gritar
São como crianças, todos querem se mostrar
E numa competição de vozes
Transformam em gritos, seu cantar
Nos primeiros poços d’água
Milhões de sapos coaxam sem parar
Não se distinguiam os sons
Parece, que todos perderam seu maestro
As plantas também entram em cena
E logo se vestem de sua roupa mais nova
E lançam seus buquês perfumados
E todos à festa são convidados
As abelhas procuram o néctar
Os pássaros nos ramos fazem seus ninhos
E assim se sentem honrados
Em receberem em seus galhos, seus hóspedes
O homem ainda incrédulo, nada ainda, quer plantar
Mas na festa desejam entrar
E sem perda de tempo
Da enxada, foice e facão
Tudo aos ombros com as mãos
As sementes selecionadas, estão
E nisso, começa o lavrar do chão
E numa só voz de coro
Animais, homens, aves e besouros
Diz o homem numa canção
O inverno chegou, meu irmão
É bom começar a plantação.

FINS D’ÁGUA

Ares de despedida
Monotonia do tempo
Torres alaranjadas no horizonte
Chuvas rápidas e passageiras
O tempo se cala e aguarda
Os pássaros se concentram
Chegado é o tempo de sua arribação
A triste despedida se aproxima
E somem sem deixar rastros
Não se sabe seus rumos, nem seus destinos
Desaparecem, simplesmente somem
O tédio domina quem fica
Todos os sapos se escondem
Por não poderem ir juntos
Uma tristeza domina as tardes
Juntos aos lagos a triste voz dos grilos
É o único som que se ouve
No mais... O silêncio é profundo
A água, parece um espelho inerte
Não se vê o ondear causado pelo vento
Se busca companhia, e não se acha
Uma saudade, um vazio, uma solidão domina
Torturando os sentimentos, dos que ficaram
Um só galho não se move, é o fim;
Dos que ficaram, ouve-se o cantar triste,
Da juriti por seu amor ausente
Quase ao por do sol, a noite vai cobrindo o dia
E ouve-se o canto agourento da coruja
Quebrando o silêncio, é chegado o fim
Fins d’água.

TAPERA

Quem te viu, quem te vê,
Lembranças traz do teu fulgor,
Dos lugares românticos de teus mancebos,
Em serenatas de madrugada a natureza canta,
No soprar do vento nas palmas,
Em teus pomares de encanto,
Em teus festejos e em meio as tuas danças,
Não sabias tu dos ameaçadores juízos,
Tua renda alegrava teus filhos,
Não sentias fadigas em tuas lutas,
Pois o frescor dos rios, riachos e lagoas,
Suavizavam tuas terras, deixando férteis,
E tirava teu pão, agora só há lembranças,
Teu padroeiro não pôde te defender,
Teu povo ingênuo, logo te abandonou,
Como de repente cessou teus cânticos,
Quem diria que a morada alegre,
De repente se calaria,
Quem por ti anda, só lamenta,
Em teus rastros, tuas ruínas, se vê como eras,
Lembrando de teu passado, até a natureza tem pranto,
No entardecer fúnebre, de teus encantos,
Quem te visitas sente a dor de teu abandono,
As velhas árvores, negam seus frutos,
Em tuas estradas, o viajante a ti, se chegava,
Hoje são desertas, solitárias,

Até parece que ninguém te conheceu,
Oh, saudosa terra de meus deleites,
De em ti, pensar,
Chora em meu peito, o coração que te ama.

VIRGEM DE QUEDAR

Como explosão de uma rosa
Teu riso gracioso
Despertou no meu íntimo
Nova visão de uma musa inspiradora
Como rebanho branco em linha reta
Teus dentes encaixados reluziam a alva
De cor turvada, qual canela
Macia e sedosa pele, revestindo teu ser
Qual pelúcia fogosa e deslizante
Nesta tua graça vens raiando
Num brilho límpido e incandescente
Te descobri entre os enfeites
Brilhas qual pedra rara e cintilante
Enquanto falas, tua voz qual nardo puro
Chega teu falar aos meus ouvidos

ELUSA

Vem raiando, trazendo a luz
Iluminando as trevas da ignorância
Qual alvorada, trazendo o sol
Assim tem sido Elusa à Bela Cruz

Aprimorando, até no físico de nossos jovens
Tem atuado como atleta em nosso esporte
Moralizando nossa educação, dando novo porte
Dos objetos de nossa cultura, é nosso totem.

Incansável guerreira de bandeira erguida
Lutando como heroína, entre as fileiras
És aprazível, de nossa escola a mais querida.

Tem sido amiga e atenciosa, quando procurada
Sempre alegre em servir, dando força ao cansado
Teu nome será lembrado, tua obra imortalizada.

À Elusa A. Carneiro Araújo

Como canção melodiosa e desejável
De onde me encontro, tenho ampla visão
Deste teu poste esbelto e ondioso
Vejo os linhos qual mechas
Jorrando como fontes de tua cabeça
Deste-me asas esta tua beleza escultural
Levando-me a êxtase de uma viagem ilusória
Estou nos ares sobrevoando tua compostura
És como aurora alegre, no cantar despertador
Das revoadas sobre os ramos
Despertando-me como poeta
Embriagado de beleza nobre
Debruçando sobre a pena a compor.

CAPRICHANDO O MÉTODO

Em teu grito forte e retumbante
Dirigindo-se com alma e punho
Teu método sábio e penetrante
Imperava tua instrução a cunho

Da moral vestido como escudo
Transmite com férrea destreza
O portentoso meio do estudo
Com a mais perfeita nobreza

És amigo, um bom companheiro
Com afinco se dedica sem reserva
Como professor é mestre verdadeiro

Comunicativo e de grande coração
Gastou toda sua vida, saúde e força
Em prol do aluno e da boa educação.

Ao amigo e professor
Carlos Leitão

ALÉM

Ouves essas vozes
Que gemem as velhas árvores
Que na tarde envelhecida
A noite destrona o sol
Que se foi levando a luz

Deixando atrás a despedida
Assim nossas vidas se vão
No passar dos anos
Chegando também ao ocaso
Sem nada poder-mos reter
Nem mesmo alguém querido
Que no eterno anoitecer
Nos seja como abrigo.

O OCASO

Despede-se o sol,

Levando a luz, que nos aquecia,
O ano finda-se,
Turvando o céu,
Ao som fúnebre,
Do vento que vagueia,
Vejo a penumbra, o ocaso,
O chiar da fonte, que escorre,
Nossas vidas, esvaem-se no tempo,
Deixando marcas, em nossa beleza,
Marcas rugosas dos anos,
Vejo o futuro dessa geração,
Semeada no pó.
Repassas agora teu recado,
Desabafa teu grito,
Às gerações vindouras,
Pois em ti, tens a mensagem,
Desta vida, que palmilhaste.

O INSACIÁVEL

Vi um animal,
Que passou
Seus dias juntando.
Abraçando o que podia reter
Fez guerra o tempo todo
Por algo,
Que não podia levar,
Quando foi obrigado,
A partir.
Não vi nada em suas mãos,
Nem tampouco bagagens.
Em busca de tuas bodas.

RUTE

Quem é esta, que se ergue
Como em terra pindorama
Veja os belos cachos, qual tranças áureas
Exalando um odor de nardo
Pura, como a luz do sol
Como és graciosa ao andar
Ondulando, como vales e montes
Acenando como palmas verdejantes
Deixando transparecer toda glória
Tripudiando no vento, qual pavilhão
És o estardante, da beleza
Tigresa, macia, qual seda de oman
Em teus entalhes naturais
Os lapidados vales, revelam
Teu formato, caprichos de teu feitor
De tua casa, és a predileta de teu pai
Serena, como orvalho matinal
Tua face revela a paz
Em teu olhar, não há penose
Aguardas o tempo do teu amado
És a noiva pura escolhida
Ornamentada de vestes sagradas
Dádiva de teu predileto
Cobrindo tua pureza santa
Em teu falar, há melgueira
Se são felizes os convidados
Mais felizes, são teus membros
És Rute, a pedra eleita das nações

Que cavalgas ao teu novo e lindo país

OBRAS DO AUTOR

Lamentos da Alma
São Luis - Ma 1986

Identificando o Verdadeiro Cristão
Bacabal-Ma 1996

Questionando as Coisas do Espírito
Bacabal-Ma 1996

O Paraíso de José
São Luis - Ma 1997

O Caminho do Peregrinar
São Luis - Ma 1998

Vozes Mélicas
São Luis - Ma 1998

Crônica da Ânsia
(Luta Interior)
São Luis - Ma 1999

O Animal
São Luís-2007

Visões Célticas
São Luis - Ma -Ce 2008

A FLOR BRANCA ESMAGADA

Tua beleza corpórea e singela.
Pura e virgem como a aurora.
Simples como a mais branca donzela.
Do teu ingênuo coração suscita.
O amor que brota, sem ser contido.
Na dor, de quem ama, embutida.
Pela primeira vez, em tua inocente vida.
Este amor clemente grita.
A este louco, por quem não és sentida.
E no meio de tua aflição, não escutas.
Um coração sangrando oculto.
E neste sentimento profundo, lutas.
Desesperada por não ser compreendida em nada.
Uma ação tua, provocada por um bruto.
Esmagas com tuas próprias mãos.

O amor de teu rude coração.
E arrancas tua alma, e castigas.
Tirando de si a própria vida.
E tal como gaivota esguia.
Voas em clamas batidas.
Ao infinito de um horizonte eterno.
De um sol que não volta mais.
Deixando atrás de si o vazio.
Que não será preenchido jamais.

À Sanelva

ACARAÚ

Reduto sagrado dos Silveiras
Tua fama assombra o vale inteiro
Teu gemido ainda ouço “no camurupim”
Teus gritos pavorosos ecoam nas grades dos cárceres
Tua terra bebe misteriosas histórias macabras.
Tuas ruas ainda mostram o barroco estampado
Das artes teus filhos sangrados
Todas expressas em teus prédios lendários
Mesmo assim em ti há gritos de sangue
Uivos de miseráveis lobos sanguinários
Tiros no meio dos cânticos sacros
E o tombar dos guardiões sagrados são ouvidos
Almas são lançadas nas águas e nas fornalhas...
Debaixo do rufar de tambores para abafar
Seus gritos de medo e de pavor.
O contrabando está em teus cais.
As famílias abafam teus assassinatos banais
Toda tua história, me contam os mangueirais.
Pois seus olhos testemunharam tuas façanhas.
Ouço gritos medonhos de políticos massacrados.
Tua terra enguia o sangue inocente
Enquanto o pipocar das balas rufam
Brutos intentos mesclam a morte prematura
Mesmo assim, amo teu povo, tua terra...
Tua história me fascina e quando por ti passo
Dialogo com os rebocos históricos
De tuas construções antigas
Que me sussurram teus segredos escondidos,
Que fizeste em tuas noites tenebrosas.

O ODRE ROMPIDO

Fogem as palavras como nuvens apressadas,
Somem as letras; do poeta, os versos...
Perdem os sentidos, os textos nômades,
Findam as pontuações, escorrem as linhas.
Desaparecem, os nexos das idéias eruditas,
Parte o Senhor das palavras, dos discursos...
Um nobre filho, que tangia as leis,

Intercessor de causas aflitas.
Um mestre humilde que não publicou a escrita,
Mas guardou-a, no odre de seu coração.
Turvam os livros, de luto, empoeirados,
Pois não há mais quem os lêem.
Foi-se a luz dos ignorantes.
Rompe do peito, a amarga solidão,
Que martirizava o amor encarcerado.
Buscou como nunca, uma nova companhia.
Mas riam de sua dor e fugiam.
As mais tenras pessoas, dele partiam.
Foi quando seu coração, como bomba explodia.
E do odre, o vinho escorria.
E despe-se de sua velha roupa.
E ao seio, de seu pai celeste voas.
Apressado, num abraço eterno se refugia.
Ao Poeta, José Mozart.